

# Capítulo I

*Julho de 1718*

*Não posso deixá-lo me atacar outra vez. Estou ficando louca com isso.*

*O enorme punho do pai atingiu seu rosto. A dor explodiu, os joelhos fraquejaram, e ela caiu no chão com a força do impacto. Atordoada, ergueu a mão, olhando com horror para o pai, sentindo crescer uma equimose na bochecha.*

*Os dedos dele eram redondos como salsichas, as mãos de um açougueiro, não as de um cirurgião.*

*— Odeio você e sua maldita irmã, e sim, também o menino — ele rosnou. — Lamento o dia em que dormi com sua mãe. Ela se foi e me deixou com o quê? Um coração que não vai se consertar e três bocas para alimentar. E eu lhe pergunto, como isso pode ser justo?*

*Constanza ergueu lentamente a cabeça, esperando não sofrer uma vertigem. Olhou para fora, onde o sol começava a nascer. Se contasse ao pai o que realmente lhe passava pela cabeça, aquilo se transformaria em uma briga maior, envolvendo a todos. Em breve Kitty e William estariam ali, e então iriam se deparar com aquela cena. Ordenou a si mesma para se controlar, para não dizer nada. Mas como gostaria de poder dizer que pai bêbado e maldito ele era...*

*Com muito esforço, forçou uma aparência de calma no rosto.*

*— O senhor terá pacientes em menos de duas horas e apenas acabou de voltar para casa. Sugiro que descanse um pouco, ou iremos virar o dia sem dinheiro algum.*

Constanza acordou do sonho e olhou em volta. Tinha trocado um pesadelo por outro, pensou.

Observou o interior do navio, a parte onde estavam as pessoas. Conforme a embarcação cortava as ondas, cada táboa de madeira

rangia em protesto. Uma menina de uns seis anos buscava refúgio nos braços da mãe; o pai havia falecido no dia anterior. Constanza notou a mãozinha cobrindo a boca, numa tentativa desesperada de não aspirar o cheiro fétido que impregnava o ar.

O som de tiros explodiu nas proximidades, tão perto que ensurdeceu Constanza por um momento. Ela endireitou o corpo e começou a abrir e fechar a boca, enquanto enfiava os dedos nos ouvidos em uma tola tentativa para restaurar a audição.

Olhou para a esquerda, à procura da irmã. Katrina estava bem a seu lado, como sempre acontecia desde que a menina nascera.

— Onde está William? — perguntou.

Katrina balançou a cabeça.

— Não sei onde ele se meteu.

Constanza levantou-se e lutou contra a constante sensação de tontura, que sempre ocorria pela manhã após uma noite inteira sendo sacudida de lá para cá no bergantim.

Uma vez que a tontura diminuiu, suas narinas sofreram o inevitável ataque. O fedor, o miasma inevitável da miséria humana. Os futuros colonizadores estavam enfiados em meio a caixotes de conteúdo desconhecido. O cheiro, uma mistura originada de falta de higiene pessoal com o vômito daqueles que ainda não haviam se adaptado ao balanço do navio, apresentava-se como um verdadeiro caldeirão de peste.

Constanza abriu caminho em meio àquele mar de corpos, tentando não deter o olhar nos mortos e nos moribundos.

O pensamento foi inevitável.

Que decisão fora aquela? América? Oh, Deus! Melhor seria se tivessem ficado nas ruas de Bristol, a morrer naquela fossa flutuante antes mesmo de pisar em solo americano, na Carolina do Norte.

— William! — ela chamou. — Onde você está?

Começou a subir a escada para o convés, onde os marinheiros só permitiam que a “carga” movimentasse as pernas duas vezes ao dia, mas isso não a deteve.

Se atirassem nela naquele momento, pelo menos o sofrimento acabaria. Uma morte rápida seria preferível a ter de suportar o

restante daquela viagem.

Procurando não tropeçar nas cordas e cabos, Constanza caminhou em redor da plataforma. Seus olhos ardiam tanto que ela teve medo de vomitar e chamar a atenção para si mesma. Os membros da tripulação que pouco antes a haviam espiado de esguelha agora a encaravam sem disfarçar. Após noventa dias no mar, ela se surpreendia que tivessem ocorrido ali apenas dois estupros.

Propositadamente baixou os olhos, para não incentivar os marinheiros. Não tinha intenção alguma de se tornar mais uma vítima daqueles homens sem moral.

Então ela o avistou. William estava com o capitão na proa do navio. Quando se aproximou, pôde ver nós de corda sobre o convés. O nó com a figura de um oito estava aos pés de Will, e em sua mão um corrediço parcialmente construído.

— Sem ofensa, capitão — ela ousou dizer. — Mas sou da opinião de que seria melhor que William aprendesse a usar uma enxada e um arado, já que estamos indo para a Carolina do Norte.

O homem se voltou em sua direção. Mesmo à luz do alvorecer, o capitão era uma criatura ameaçadora. Os cabelos pretos e a barba emaranhada o faziam parecer mais animal do que homem. No entanto, ele vinha cuidando de sua família desde que haviam embarcado. O capitão Teache parecia ter um interesse especial por Will, mas Constanza não era tola. Isso apenas disfarçava seu verdadeiro interesse por ela própria e por sua irmã.

E Constanza era realista... Reconhecia que, entre ela e Katrina, não era possível haver competição. Katrina era muito mais bonita.

O tio doente conseguira com que o capitão concordasse em levar os três irmãos para o Novo Mundo, por uma tarifa bastante reduzida. Depois de uma vida labutando no mar, o capitão estava para se aposentar. Em mais de uma ocasião, Teache comentara que aquela seria sua primeira e última viagem com passageiros. Um acordo havia sido feito com Charles Eden, governador da Carolina do Norte. Todos os necessitados tinham autorização do governador para obter passagem e seguir até as ilhas Outer Banks, a barreira que protegia a maior parte do litoral da colônia da Carolina do Norte.

Constanza voltou-se para o irmão.

— Venha, Will. Já incomodou o capitão por tempo demais.

Ao passar o braço sobre os ombros do irmão de onze anos de idade, Constanza sentiu os olhos de cada membro da tripulação fixos nela. Os cabelos em sua nuca se arrepiaram.

— Será um milagre se conseguirmos chegar na Carolina do Norte — ela sussurrou no ouvido de William.

No porão do navio, o pé de Constanza estremeceu em reação ao seu sonho, pressionando as costas de William. Ela procurava dormir o máximo de tempo possível para escapar do enjoo constante. Afastou a perna das costas do irmão e virou-se para o outro lado.

— *Constanza! Venha aqui agora!* — o pai berrou.

*Ela se sentou na beirada da cama, tremendo.*

— *Constanza!* — o chamado se repetiu.

*A porta se abriu e a mãe enfiou a cabeça no vão, apertando os olhos na penumbra para enxergar melhor.*

— *Constanza, querida? Você está acordada?*

— *Sim, mamãe. Eu não quero ir lá embaixo. Ele bebeu de novo, não é?*

*A mãe mordeu o lábio, seu olhar vazio fixo em Constanza. Moveu-se até a extremidade da cama, pegou a combinação da filha e a dobrou.*

— *Sim, querida, ele bebeu, mas está tentando parar. Já faz três meses que ele está se esforçando.*

*Constanza tremeu de raiva, em vez de medo.*

— *Pelo amor de Deus, mamãe, ele é um cirurgião e um bêbado! A pior combinação possível que eu possa imaginar... E a senhora espera que eu desça e vá ajudá-lo novamente?*

— *Constanza, você sabe que é a favorita dele.*

— *Eu sou uma substituta para o filho que ele tanto quis ter. E a única razão para ele me ensinar tudo o que sabe é para ocasiões como esta, em que precisa da minha ajuda, não para que eu me torne independente e siga o meu caminho neste mundo.*

*Os gritos de uma mulher ecoaram na enorme casa velha.*

*A porta se abriu novamente e Katrina entrou, esfregando os olhos.*

*— Mamãe, estou com medo. — Seus braços finos rodearam as pernas da mãe.*

*A mãe se virou e olhou para a filha mais velha, o desespero estampado no rosto.*

*— Por favor — ela sussurrou.*

*Constanza baixou a cabeça e apertou os olhos.*

*— Eu vou pela senhora, mamãe. Só pela senhora.*

*Ela desceu as escadas dos fundos, a escada que seria dos criados, se eles ainda os tivessem, e abriu a porta da sala de operações do pai. O cheiro de aguardente a atingiu e ela se perguntou se a mulher deitada sobre a mesa já não estaria anestesiada só pelo cheiro.*

*— O que foi, papai?*

*— Por que demorou tanto tempo, menina? Ela está com dez centímetros de dilatação, e o bebê não está passando pelo canal. O que você pretende fazer?*

*Constanza aproximou-se do pé da cama e olhou por entre as pernas abertas da mulher. Podia ver o bebê coroando. A mãe estava deitada, imóvel, mas Constanza percebeu que ocorria naquele minuto uma forte contração. A mulher não emitiu nenhum som, nem fez nenhum movimento.*

*— Papai, o senhor a medicou com láudano? Como agora ela vai nos ajudar a tirar esta criança? E todas as vezes que o senhor fez isso no passado, os bebês nasceram meio grogues e não conseguiram se alimentar bem nos primeiros dias.*

*— Ela estava gritando demais e eu não conseguia me concentrar — ele resmungou.*

*— Tenho certeza de que o uísque não teve absolutamente nada a ver com isso — murmurou ela por entre os dentes.*

*— Pombinha, não vamos brigar, há muito trabalho a ser feito.*

*Constanza caminhou até o lado da cama e segurou as pernas da mulher para tentar alargar o canal do parto. O dr. Smythe tropeçou no pé da cama e franziu a testa, tentando focar a cabeça do bebê.*

*Esfregou os olhos e passou a mão pelo cavanhaque.*

*Acomodando gentilmente as pernas da mulher sobre a cama, Constanza chegou por trás dela, pegou um copo de água e jogou o líquido frio no rosto turvo de seu pai.*

*Ele balançou a cabeça para trás e para a frente, retornando à lucidez.*

*Outra contração endureceu o ventre da mulher, mas ela não se mexeu.*

*— Quanto de láudano o senhor deu a ela? E se parar o trabalho de parto? O bebê vai morrer.*

*— Não, as contrações estão fortes e constantes, a cada minuto. Olhe, aí vem outra!*

*A barriga arredondada ergueu-se em uma nova contração. Agarrando a outra perna da mulher, Constanza usou o próprio braço, pressionando-o para baixo para ajudar a descida da criança ao longo do canal.*

*— Isso mesmo, minha querida. O bebê está chegando agora. — A voz do dr. Smythe ecoou pela casa silenciosa.*

*Constanza correu até o pé da cama, e em sintonia com a contração seguinte, colocou os dedos no lado da cabeça do bebê. A criança caiu em seus braços jorrando fluidos. Constanza embrulhou-a em um cobertor e a balançou suavemente. Um som macio como o miado de um gatinho veio do recém-nascido.*

*Os olhos de Constanza se voltaram para a nova mãe, deitada sobre a mesa, mergulhada nos sonhos de felicidade provocados pelo láudano. Voltou-se então para seu pai bêbado. Observou-o, enquanto as lágrimas escorriam por seu rosto e molhavam o cobertor do bebê.*

Constanza abriu os olhos, sentindo-se deslocada no tempo. Piscou e esfregou-os, tentando se orientar. Com dedos trêmulos, buscou algo no bolso da bata. Onde estava...? O alívio tomou conta de seu ser quando sentiu o aço frio da faca que tinha escondido.

William, Katrina...?

Com as duas mãos, bateu no escuro, procurando pelos irmãos, suspirando de alívio quando seus dedos tocaram na pele macia e quente de um deles. Ambos ressonavam baixinho, apesar do ambiente

horrível em que se encontravam. Haviam iniciado a viagem com cinquenta homens, mulheres e crianças, e agora restavam apenas trinta. Pelos seus cálculos, eles tinham sido atirados de lá e para cá no mar por cem dias, faltando ainda mais uns vinte de viagem.

O pastor alemão de Will aconchegou-se pacificamente ao lado de Constanza. Reconheceu que chegava a surpreender que eles tivessem conseguido autorização para trazerem o cão. Mais do que provavelmente, ela pensou, tinha sido porque os marinheiros pretendiam matar e comer o animal se as circunstâncias se agravassem.

Ela não queria sonhar de novo. Não tinha certeza do que era pior, se estar em casa levando a vida de sempre, ou ali naquele navio imundo.

Levantou-se em silêncio, afastando-se dos três adormecidos, e caminhou em busca de um local onde o ar fosse fresco. Durante o dia, era mais fácil suportar a lamentável situação em que se encontravam, mas à noite sua mente tão sofrida se via atormentada por verdadeiras batalhas.

Chegando às escadas, notou um par de pernas balançando para dentro do vão, pernas bonitas e bem-torneadas, razão mais do que provável para aquela pessoa ter obtido autorização dos marinheiros mal-intencionados para ficar ali. Os homens, naturalmente, queriam desfrutar a vista.

E claro, ela conhecia a menina, assim como todos os demais que estavam nos porões agora. O nome dela era Amelia, e estava viajando com os pais para a Carolina do Norte na esperança de uma nova vida.

— Olá, Amelia. Também não consegue dormir?

— Não. Venho aqui quase todas noites para sentir um pouco da brisa, e os moços nunca me mandam embora...

— Não, não espero que mandem. — Constanza se inclinou e sussurrou no ouvido de Amelia: — Uma moça bonita como você deve ter cuidado com os marinheiros, que estão sempre sedentos de atenção feminina.

Amelia ruborizou, lançando um olhar na direção dos homens.

— Acha mesmo que sou bonita?

Estava claro que a menina não entendera o significado do que Constanza estava querendo avisar. Amelia era da idade de Katrina, e as duas garotas haviam se tornado amigas rapidamente. Ambas tinham quinze anos, eram bonitas e passavam o tempo todo pensando em rapazes e em encontrar um marido.

Devido a uma criação incomum, Constanza não tinha grande interesse por homens. Desde a idade de doze anos, seu pai a havia treinado para se tornar sua assistente em cirurgia. Como tal, ela testemunhara mais nascimentos, óbitos, doenças e pragas do que qualquer outra mulher que conhecia. A mãe sempre se interessara por fitoterapia, a que algumas pessoas se referiam como cura pelas ervas. Quando o pai de Constanza se via diante de terapias medicinais ineficazes, costumava consultar a esposa sobre qual erva teria propriedades para tratar a enfermidade de seus pacientes.

O pequeno quintal da casa deles em Bristol abrigava uma horta enorme, e Constanza tivera de aprender o uso de cada erva ali plantada. Sempre tivera de suportar em seus ombros o peso da família, já que a mãe passara a vida inteira tentando apenas manter todos unidos, apesar do vício do marido. Quando a mãe, sempre de saúde muito frágil, estava à beira da morte, Constanza lhe perguntara por que ela tinha se resignado a aguentar aquela vida. A resposta ainda agora ressoava em seus ouvidos.

— Para onde iríamos, filha?

O único bom relacionamento com um homem que Constanza havia tido fora com o irmão de sua mãe, Delvin Ellwood Channing. Tio Delvin havia lhe dado conselhos desde que ela começara a dar os primeiros passos.

Tinha sido ele a arranjar aquela viagem para os sobrinhos. Constanza ainda podia ver as mãos de seu querido tio tremer enquanto ele lia a lista de dívidas que o pai dela escondera da família. Ele se encarregara da venda da casa para evitar que ela corresse o risco de ser presa e ter os irmãos enviados para um reformatório.

Uma olhada nos cachos loiros de Amelia tiraram Constanza de seu devaneio. A garota olhava para os marinheiros que estavam

acordados e lhes sorria abertamente.

Constanza estremeceu com a tensão sexual que pairava no convés.

— Amelia, você se lembra das mulheres que foram levadas para o convés e não voltaram mais?

— Sim, meus pais disseram que elas adoeceram e morreram. — Os lábios carnudos expressavam enfado.

— Não, querida, os tripulantes abusaram das moças, de forma marital. Então eu acredito que elas tenham sido mortas. Não tinham família para ampará-las.

— Meu Deus! — Amelia arregalou os olhos, tomada pelo medo.

— Sim, por isso não vamos nos sentar aqui e chamar a atenção sobre nós mesmas mais do que o necessário.

— Oh, sim, sim. Está bem.

Constanza sorriu quando Amelia baixou os ombros, tentando esconder os seios roliços.

— Então, o que leva uma mulher da sua idade a querer ir para as Colônias, srta. Constanza Smythe?

— Uma mulher da minha idade, que é exatamente vinte e oito anos, por sinal, vai trabalhar como governanta de duas crianças em uma fazenda na Carolina do Norte. Foi meu tio quem me arranhou esse emprego, que permitiu ainda que Will e Kitty pudessem vir comigo, o que certamente não é o costume. Meu tio conseguiu encontrar uma família que nos aceitou. Penso que eles tiveram alguns problemas com as outras governantas.

— Oh, você vai ser uma ótima governanta. Meu pai sempre diz que as solteironas são as melhores... — Amelia hesitou, evidentemente percebendo que a palavra “solteirona” não era um termo muito cortês.

Constanza sorriu.

— Já ouviu alguma coisa sobre Currituck County?

— Não, não. Eu não leio a palavra escrita. Meu pai diz que é indecente para mulheres jovens. O que ouviu sobre o lugar? — Amelia se inclinou, esperançosa de que os mexericos de Currituck fossem tão instigantes quanto os de Bristol.

— Currituck significa Wild Goose, Ganso Selvagem no idioma nativo. E claro, Dare County é o nome de Virginia Dare, a primeira criança nascida no Novo Mundo.

Constanza viu Amelia revirar os olhos como Katrina costumava fazer quando lhe ensinava alguma lição de História. Amelia estava muito mais interessada em descrições detalhadas dos últimos vestidos da moda francesa, ou em saber quem tinha se casado com quem no domingo anterior.

— Você já ouviu falar de Nags Head?

Amelia assentiu.

— Meu tio é um mercador aposentado. Recentemente, ele me disse que o povo de Nags Head se cansou de ver seus portos ser invadidos, então elaboraram um plano que garante lucros. Quando os piratas se aproximam da costa, eles amarram lampiões no pescoço de éguas idosas e as fazem andar de um lado para o outro nas dunas de areia ao longo da costa. Os navios piratas veem a luz, pensam que é o cais e acabam encalhados! O povo da cidade faz os piratas andar nas pranchas e confiscam suas cargas.

— E é por isso que estamos nos dirigindo à baía Hatteras e não a Nags Head — uma voz de barítono ressoou atrás delas.

Constanza virou-se, sobressaltada. Oh, Deus... Aquele homem era tão grande e forte que suas mãos poderiam quebrá-la ao meio como se ela fosse um graveto, pensou.

Amelia parecia prestes a desfalecer, de tão pálida que estava.

Com os cabelos negros agora penteados e o rosto barbeado, Teache era uma sombra de sua aparência anterior. De fato, comparado ao selvagem que parecia antes, ele quase poderia passar por bonito.

Amelia escorregou na escada, perdendo o equilíbrio duas vezes nos primeiros três lances.

— Acredito que a menina esteja enjoada. Vou ajudá-la, capitão.

Constanza desceu as escadas o mais rápido possível. Qualquer coisa servia para escapar daquele olhar penetrante.

O sono era um companheiro de cama por vezes indesejável. Pesadelos, perpetuamente povoados pelos demônios de seu passado, erguiam suas cabeças horrendas noite após noite em um espetáculo

macabro de imagens, cada uma mais medonha que a outra.

*Onde é que poderia estar?*

*Constanza sentiu o rosto em brasas enquanto verificava pela terceira vez a tábua solta, esperando que de alguma forma tivesse se enganado com o local do esconderijo do dinheiro. Só recorria a essas economias quando a renda era insuficiente para cobrir as despesas do mês. Deitada de bruços, enfiou a mão dentro do buraco para se certificar de que as moedas estavam ali, porém não encontrou nada.*

*Soube de imediato para onde o dinheiro tinha ido. Infelizmente não conseguiria recuperá-lo.*

*Entrou tempestuosamente no escritório do pai, cujas paredes eram decoradas com os diplomas e premiações daquele que fora um dia um grande homem.*

*E aquele que fora um dia um grande homem estava agora com o rosto pousado sobre uma poça de baba.*

*— Papai! Acorde!*

*Os olhos dele se entreabriram e se fecharam em seguida. Pareciam ter vida própria. Tentando acordá-lo, Constanza sacudiu os ombros do pai, o que resultou apenas em que ele erguesse o corpo, com o pescoço pendendo grotescamente para o lado. Um fantoche solto de suas cordas por cortesia da bebida.*

*Sem hesitar, ela o beliscou com força.*

*— O senhor precisa acordar! Temos um problema grave. O boticário espera pelo pagamento hoje, e nosso dinheiro sumiu. O senhor tem dinheiro escondido em algum outro lugar?*

*O pai não respondeu.*

*Com a palma aberta, ela esbofeteou o rosto dele, deixando-lhe um vergão vermelho. O dr. Smythe acordou, a ira do demônio ardendo em seus olhos. Constanza sentiu um sopro de ar passar por seu rosto quando o primeiro golpe dele falhou. Sem tempo para recuar, sentiu o segundo golpe atingir-lhe o maxilar. Então o pai caiu de volta à sua posição anterior, entrando na inconsciência tão rapidamente como despertara.*

*A força do golpe a jogou para trás. Passando a mão no rosto,*

*Constanza pensou, não pela primeira vez, como gostaria de fugir dali. Não conseguiria suportar aquele sofrimento por muito tempo mais. As surras que levava todos os dias e a necessidade de ter de viver o presente enquanto o pai se refugiava no passado... isso não era justo. Como gostaria de fugir dali o mais depressa possível, sem nunca mais precisar olhar para trás.*

*Mas ela sabia que não podia fugir. Sabia que não o faria.*

*Sons abafados vindo de trás da porta do berçário pareciam subir as escadas e chegar até eles.*

*O choro de Will ressoou no hall quando ela abriu a porta. Apressou-se a envolver o corpinho magro em um cobertor que conseguiu encontrar, sabendo que teria de sair se quisesse resolver o problema. De novo. Engoliu um soluço enquanto saía, equilibrando Will em seus quadris e abrindo caminho pelas ruas cobertas de neve de Bristol.*

*Depois do que pareceu ser uma eternidade, chegaram a um bar acolhedor. Sentando o irmãozinho em um banco no bar, Constanza baixou os olhos. A garçonete, uma mulher bonita de uns quarenta anos, lançou-lhe um olhar, notando a marca roxa em sua bochecha.*

*— Não de novo! O que foi desta vez, meu bem?*

*Lágrimas assomaram aos olhos de Constanza.*

*Não, ela não iria chorar. Se chorasse, o pai teria vencido mais uma vez, e isso seria vergonhoso para ela. Apertou os lábios, ergueu os ombros e afastou as lágrimas.*

*— O boticário precisa receber seu pagamento, ou somente teremos remédios feitos de ervas. Infelizmente, a colheita do ano passado e meus suprimentos estão acabando.*

*— Tudo bem, então. Leve William lá para cima, meu bem.*

*Depois de fazer o que a mulher mandara, Constanza voltou ao bar, amarrou um avental na cintura e pegou uma bandeja com bebidas. Se trabalhasse até o estabelecimento fechar, poderia ter o suficiente para pagar sua dívida.*

Com os olhos arregalados, Constanza sorriu. Naquela manhã, pelos seus cálculos o centésimo primeiro dia, avistava-se à distância

uma área de terra seca, linda e imóvel. Chegariam ali em cerca de vinte e quatro horas. Os três haviam conseguido completar vivos aquela jornada terrível, apesar de mais leves uns bons seis quilos.

Katrina, claro, era a mais angustiada.

— Constanza? Como vou conseguir arranjar um marido, assim tão magra? Já estou até me parecendo com você...

Will estava com olheiras, e Constanza sabia que isso era sinal de deficiência de algum mineiral. Ela trouxera apenas alguns de seus livros de medicina a bordo, porque pela tarifa reduzida não podiam ocupar muito espaço no navio.

Vermes do mar haviam perfurado um dos barris. Constanza deduziu que o navio devia ter estado em zonas tropicais antes daquela viagem. Plantas aquáticas tropicais ainda estavam sendo retiradas do casco do navio, e os moluscos não só haviam se refugiado em algum dos barris de rum, mas infestavam igualmente o casco de madeira. Havia carreiras desses bichos em diversos lugares. Estivera observando-os se mover durante as duas primeiras semanas. Vomitar no mar se tornara um hábito frequente. Nos anos que passara com o tio, aprendera que os vermes podiam comprometer verdadeiramente a estabilidade de uma embarcação.

Não seria o máximo se, nos últimos dias de viagem, o navio tivesse um buraco tão grande que levasse todos para o fundo do mar?, pensou.

Reprimiu um sorriso amargo. Sobre esse assunto, preferia não comentar com ninguém.

Antes de embarcar, ela entregara seus livros para o tio e decidira que iria lhe escrever pedindo-os de volta, quando o dinheiro e as circunstâncias lhe permitissem tal atitude.

Um grande estrondo ressoou por perto. Tiro de mosquete? Por toda a cabine, cabeças cansadas se ergueram em resposta àquele ruído incomum àquela hora da manhã.

O casco inteiro tremeu com a vibração do estrondo.

Constanza viu Will colocar um braço protetor nos ombros de Katrina, quando ela se enfileirava com os marinheiros para investigar a razão do barulho.

Os rostos dos homens ficaram subitamente encharcados por um dilúvio que caía sobre eles. Uma tempestade assolava o céu. Abrindo caminho por entre a multidão ensopada, Constanza viu marinheiros rapidamente colocando proteção nas velas e se preparando para a tempestade. O capitão berrava ordens para todos os lados, comandando com ferocidade o seu navio.

Constanza viu-se levada para o lado boreste da embarcação, erguida por uma onda gigantesca. Todos os homens que estavam no alto despencaram para o convés. Um rugido ensurdecedor ecoou quando a embarcação pareceu encalhar. Uma enxurrada que parecia uma muralha de água se abateu contra a plataforma. Os homens se agarraram às cordas e cabos.

Constanza perguntou-se se não estariam em meio a um furacão.

— Capitão! Estamos perdidos — um dos homens berrou.

— Seu desorientado! — Teache berrou para o seu primeiro imediato.

O capitão levou a mão à pistola, mas então seu olhar encontrou o de Constanza e ele a recolocou no leme.

Ela piscou com dificuldade e protegeu os olhos da chuva forte, tentando avaliar a distância do navio até a costa.

— Quem era aquele? Ou o que era aquilo?

Uma figura solitária estava parada na areia do que presumivelmente seria a costa de Hatteras. E agitava os braços, chamando-os para a praia. Jack, o cão pastor, subiu do deque inferior como se tivesse ouvido um assobio e começou a correr de um lado para o outro. O primeiro imediato se aproximou, amarrou uma corda no pescoço do animal e o atirou ao mar.

— O que está fazendo?! — Constanza gritou, reunindo-se a Will, que se desesperara ao ver seu cão ser lançado no meio das ondas gigantes.

— Senhorita, esta pode ser nossa única chance. Na viagem passada, um cavalo foi atirado na água, e estando preso a uma corda, acabou nos salvando.

— Não, Will, fique onde está! — Constanza gritou, correndo para o convés.

Katrina apareceu no instante em que Will sumiu de vista, desaparecendo no buraco do casco.

Constanza lutou com o nó molhado enquanto se amarrava às cordas. Segurou a respiração ao observar o cão pastor avançar pelas águas do Atlântico. Suas orelhas peludas sumiam debaixo das ondas e reapareciam novamente. Nesse ínterim, o estranho na praia continuava acenando.

Depois do que pareceu uma eternidade, o cão alcançou a praia, e o homem o amarrou com uma corda a uma árvore.

— Livrem-se da carga! — o primeiro imediato gritou. — Se quiserem viver, façam o que estou dizendo!